



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ANA RITA DA SILVA BARRETO**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO: Leitura  
de “Negrinha”**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2019**

**ANA RITA DA SILVA BARRETO**

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO: Leitura  
de “Negrinha”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2019**

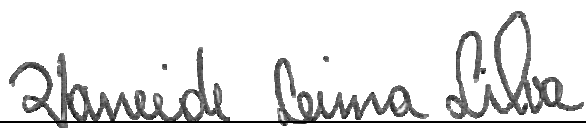
É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B274r Barreto, Ana Rita da Silva.  
A representação do negro na obra de Monteiro Lobato:  
Leitura de "Negrinha" [manuscrito] / Ana Rita da Silva Barreto. -  
2019.  
29 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Humanas e Agrárias, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva ,  
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."  
1. Monteiro Lobato. 2. "Negrinha". 3. Crítica. 4.  
Representação do Negro. I. Título  
21. ed. CDD 843

**A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO: Leitura  
de “Negrinha”**

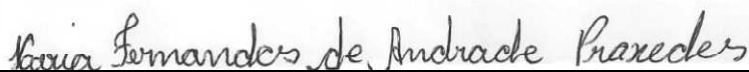
**ANA RITA DA SILVA BARRETO**

APROVADO EM: 19 de junho de 2019.



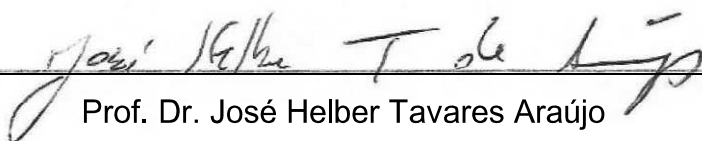
---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vaneide Lima Silva  
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



---

Profa. Ma. Maria Fernandes Praxedes  
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



---

Prof. Dr. José Helber Tavares Araújo  
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este trabalho a Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho, pois foi com sua ajuda que tive forças para chegar ao final dessa jornada, que com certeza não será a única, mas a primeiras de muitas. Ele me deu a coragem que eu precisava para ir além dos meus limites nesses quase cinco anos de curso, onde me dediquei ao máximo ao curso de Letras, e hoje, em fase de reta final, me fez ultrapassar todos os obstáculos que surgiram no caminho.

Aos meus pais, João Barreto Filgueiras e Maria Anunciação da Silva Barreto, ambos são e para sempre serão os responsáveis por cada sucesso obtido e cada degrau avançado no trajeto da minha vida. Em todos esses anos foram um grande exemplo de força, coragem, perseverança, e energia infinita para que eu nunca desistisse dos meus sonhos. Eles são e sempre serão meu maior exemplo de vitória, meus heróis e simplesmente aqueles que mais amo. Mãe, pai, obrigado por estarem sempre comigo.

A minha orientadora Vaneide Lima, por toda a orientação prestada, pela paciência, confiança, amizade, incentivo, pela motivação concedida para a realização deste trabalho, e principalmente pelo exemplo de profissionalismo.

Aos meus amigos, em especial Landya, Wênio, Ângela, Matildez, Iria e Wilian que me ajudaram praticamente em todos os momentos. Momentos esses que em alguns momentos de pressão tive vontade de desistir dos meus sonhos, mas, sempre o incentivo de vocês não permitiu que isso viesse a acontecer, e hoje estou aqui para contar sobre a realização de mais um deles, um de muitos sonhos que ainda se concretizarão.

*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.*

Nelson Mandela

## RESUMO

Este trabalho objetiva fazer uma análise social sobre a representação do negro na literatura brasileira, tendo como embasamento e objeto de estudo a obra de Monteiro Lobato, nomeadamente o conto “Negrinha”, que integra a coletânea de mesmo nome, publicado em 1920. O autor deste conto é conceituado em profunda apreciação pela crítica em geral como um dos maiores ícones da literatura brasileira, cuja atemporalidade de sua obra transcurre o tempo, sendo sempre relevante e atual na construção de valores na sociedade contemporânea. Essa atemporalidade pode ser vista no diálogo estabelecido pelo conto observando o contexto sócio histórico e o contexto vivenciado pela sociedade moderna, atual e inquietante: o preconceito racial. Desse modo o presente estudo de caráter bibliográfico busca discutir e refletir, a partir de uma interação autor , o personagem central do conto e o contexto histórico e social da época, observando também a exposição da figura do negro e o lugar que o próprio ocupa na literatura e, por extensão, na sociedade atual. No entanto o diálogo lobatiano não nos oferece um paradigma da intencionalidade da inserção da personagem negrinha se era apenas uma forma de registrar os acontecimentos relativos ao preconceito racial do período em que o conto se situa, ou se lobato de fato propositalmente denuncia a hipocrisia da burguesia pós cativo. Esperamos que a análise nos permita perceber de que forma a figura do negro fora apresentada por ele, se em caráter denuncia ou se alimentada pelos vultos dos velhos conceitos de superioridade racial, herdados desde tempos da escravidão. O entendimento dessa busca faz parte de uma sociedade pretérita e a análise será feita cuidadosamente, procurando destacar os principais pontos relacionados ao termo racismo dentro do conto estudado de Monteiro Lobato e demonstrar que tais fatos relatados em seus escritos podem ser um retrato de influências daquele período. Como fundamentação teórica, recorreremos aos estudos de FAUSTO (2007), LAJOLO (1999), FERNANDES (2008), dentre outros.

**Palavras-Chave:** Monteiro Lobato. “Negrinha”. Crítica. Representação do Negro.

## ABSTRACT

This work aims to make a social analysis on the representation of black in Brazilian literature, based on Monteiro Lobato's work, namely the short story "Negrinha", which includes the collection of the same name, published in 1920. The author of this tale is conceptualized in deep appreciation for criticism in general as one of the greatest icons of Brazilian literature, whose timelessness of his work runs through time, being always relevant and current in the construction of values in contemporary society. This timelessness can be seen in the dialogue established by the story, observing the socio-historical context and the context experienced by modern, present and disturbing society: racial prejudice. In this way the present bibliographic study seeks to discuss and reflect, from an author interaction, the central character of the story and the historical and social context of the time, also observing the exhibition of the figure of the black and the place that he occupies in the literature and, by extension, in today's society. However, the Lobatian dialogue does not offer us a paradigm of the intentionality of the insertion of the slave character if it was only a way of recording the events related to the racial prejudice of the period in which the tale is situated, or if lobato in fact denounces the hypocrisy of the bourgeoisie post captivity. We hope that the analysis will allow us to see how the figure of the Negro was presented by him, if he denounces or is fed by the figures of the old concepts of racial superiority, inherited from times of slavery. The understanding of this quest is part of a past society and the analysis will be made carefully, seeking to highlight the main points related to the term racism within Monteiro Lobato studied tale and to demonstrate that such facts reported in his writings may be a portrait of influences from that period . As a theoretical basis, we used the studies of FAUSTO (2007), LAJOLO (1999), FERNANDES (2008), among others.

**Key Words:** Monteiro Lobato. Critical. Reflection. Racism. Representation.



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1</b>	<b>MONTEIRO LOBATO E O MODERNISMO BRASILEIRO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CONTO DE LOBATO: leitura de “Negrinha”.....</b>	<b>17</b>
	3.1 O conto “Negrinha” e seus principais personagens.....	21
	3.2 A representação do negro na narrativa: o simbolismo de “Negrinha” .....	24
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade principal fazer uma análise literária do conto “Negrinha” (1920) escrito por Jose Bento Monteiro Lobato, um dos maiores ícones da literatura brasileira, importante autor do Pré-Modernismo, pioneiro da Literatura Infanto Juvenil, assim como um escritor engajado com o social.

Suas obras são carregadas de elementos folclóricos, da fantasia e da cultura popular. Foi criador de *O Sítio do Pica Pau Amarelo* (1939), *Narizinho Arrebitado* (1922), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *Reinações de Narizinho* (1931), dentre outros. No ano de 1920, publica um livro de contos, em que o próprio título carrega o nome da personagem *Negrinha*.

A conto de Lobato traz uma severa crítica social retratando o conjuntura histórica daquele período, apregoando o alegoricamente conduta da sociedade brasileira do início do século XX: as pessoas em geral detinham uma mentalidade preconceituosa e opressora pós Lei áurea, ou seja, a sociedade acostumada com as diferenças étnica raciais e com os abismos estabelecidos historicamente entre opressores e oprimidos bem descrita por Lobato no conto em questão e por tantos outros autores brasileiros.

Nele também podemos perceber que o abismo estabelecido e perpetuado pela cor, intrínseco no conto, vai além daquele contexto histórico: de acordo com Ribeiro (2003), as atuais classes dominantes brasileiras "guardam, diante do negro, a mesma atitude de desprezo vil que seus antepassados escravocratas tinham".

Os pobres e os negros em geral são vistos como culpados de sua própria desgraça, explicada por suas características raciais e não devido à escravidão e à opressão. No entanto, ainda segundo Ribeiro (2003), não é só o branco que discrimina o negro no Brasil. “O preconceito é assimilado pelos próprios mulatos e até pelos negros que ascendem socialmente, os quais se somam ao contingente branco para discriminar o negro-massa”.

“Negrinha”, fora publicado tardiamente, trinta e dois anos após a abolição da escravidão no país, mesmo assim o conto espelha o comportamento da sociedade da época mantendo um discurso que perspassa o tempo, na medida em que revela uma conduta preconceituosa de grande parte daquele bojo social estendendo-se a atual conjuntura social, uma vez que o negro continua muito à margem, numa

condição de subalternidade, em segundo plano, ou seja, nos recantos da cozinha, conforme se mantinha a “Negrinha” de Lobato.

A menina orfã, Negrinha é filha de uma ex-escrava e vive junto à antiga patroa de sua mãe, conforme sugeria a Lei do Ventre Livre, que garantia a permanência dos filhos de escravos na casa dos proprietários dos pais. A lei do Ventre Livre estabelecia duas possibilidades para as crianças que nasciam livres. Poderiam ficar aos cuidados dos senhores até os 21 anos de idade ou entregues ao governo. O primeiro caso foi o mais comum e beneficiaria os senhores que poderiam usar a mão-de-obra destes “livres” até os 21 anos de idade.

Já a Patroa, Dona Inácia, agrupa valores sociais, boa moral, conceitos de religiosidade da época, estabelecendo com a menina uma relação de sujeito e objeto, respectivamente.

Tendo como base a relação constituída entre essas duas personagens, pretendemos analisar a cada umas das personagens, identificando os papéis sociais e a representatividade dentro do conto, amoldando o espaço ocupado pelo negro dentro da narrativa.

Nesse texto, a personagem-título é filha de uma herança maldita de uma sociedade preconceituosa, escravizada pelo seu próprio passado, a morte deste regime escravista, passa a ser criada por D. Inácia, uma rica senhora acostumada ao antigo regime escravocrata, abolido em 1888.

Percebe-se, neste conto, a repreensão feroz lobatiana, com o intuito de revelar a situação das classes menos favorecidas de uma sociedade brasileira discriminatória.

Embora grande parte da obra de Lobato tenha sido dedicada ao público infantil, percebe-se, até mesmo nesse texto, a preocupação do autor em retratar a problemática social contida no conto, como por exemplo a ausência da humanização da personagem Negrinha se contrapondo a Inácia que colecionava adjetivos humanizantes. “Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres...”

O trabalho que ora apresentamos é de caráter bibliográfico e recorreu aos seguintes estudos: Fausto (2007), Lajolo (1999), Fernandes (2008), dentre outros, e se encontra assim estruturado o corpus desse trabalho: Lobato e o modernismo no Brasil, considerações sobre o negro na literatura brasileira e a representação do negro no conto de lobato: Leitura de “negrinha”

A análise objetivada, demonstra uma visão crítica de mundo revelada pelo autor, que assenta o realce em uma temática instigante e denota a atemporalidade de sua obra, na medida em que ainda vivemos numa sociedade que segrega as pessoas por sua cor, diminuindo-as socialmente.

Espera-se que esse trabalho venha contribuir para uma maior interação da obra e que mais uma vez o preconceito racial seja revisto e que se tenha uma reflexão mais ampla e concreta no que diz respeito ao tema.

Esse olhar lobatiano produz uma amplitude sobre o racismo. E havendo reconhecimento de que há racismo, de que suas nuances produzem desigualdades e, por conta disso, mecanismos políticos e sociais devem intervir nessa triste realidade, só assim, será possível oferecer a igualdade de oportunidades, justamente o que fora negada a pequena Negrinha descrita no conto.

## 1 MONTEIRO LOBATO E O MODERNISMO BRASILEIRO

Segundo a crítica em geral o Movimento Modernista brasileiro nasce em um momento de grandes transformações sócio culturais, nos mais diferentes aspectos da sociedade. Aliás, desde o Pré-Modernismo já se vislumbrava uma modernidade extrema no contexto histórico e o início do século XX.

Essa modernidade aponta como o começo de grandes transformações, que difundiriam autores marcados pelo tom questionador, engajados com crítica social e denunciador das revoltas e anseios para um novo tempo da jovem república.

Não se costuma conceituar o pré-modernismo como escola literária, devido ao curto período em que se fizera notada, apenas três anos: 1920, 1921, 1922 até o final da tão conhecida e polêmica Semana de Arte Moderna, assim como o baixo número de autores envolvidos nessa conjuntura.

No entanto, isso não diminui ou reduz a insignificância o Pré-modernismo, visto que se faz relevante por anteceder os avanços a que se propôs o Modernismo.

Alguns autores tomaram destaque nessa época, seguindo para a escola moderna anos depois escritores como: Lima Barreto, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Augusto dos Anjos e Monteiro Lobato; estes autores marcaram a literatura brasileira, criticando através de escritos nos mais diversos gêneros literários a precarização e os aspectos positivos que a realidade pré-moderna estava causando na sociedade.

Nesse contexto recebe maior notoriedade, a narrativa, que ganha maior destaque na medida em se apresenta como forma literária mais eficaz para expressar as críticas e os anseios dos autores.

Nesse aspecto, Monteiro Lobato figura como um escritor de destaque, pois se empenha em criar uma arte genuinamente brasileira, se lançando na busca de escudar a procedimento artístico nacional, protegendo-a contra todos os perigos estrangeiros, inclusive das escolas literárias prontas e acabadas que por aqui aportavam, impedindo a consolidação de um caminho estético nacionalista.

A preocupação de Lobato é mostrar o Brasil carente de melhorias em todas as esferas sociais e isso distanciou o escritor de Taubaté dos principais movimentos artísticos da época, vanguardas e até mesmo da efervescência modernista de 22.

Tal preocupação se observa em uma de suas publicações de 1920 intitulada *Negrinha*, coletânea de contos em que se verifica a carga irônico-satírica de Lobato, sendo esta sua maneira de denunciar fatos e acontecimentos que ele discordava.

Vale destacar que o homem do interior brasileiro, o negro marginalizado com suas doenças e heranças culturais, eram tipos desconhecidos pela literatura e para retratá-los, Lobato lança a pena e traz à baila o contexto político-social da nova República juntamente com o novo regime que se instaurou no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época.

Vejamos o que afirma Lajolo (1961), uma especialista em Lobato, acerca de sua obra:

[...] Lobato foi um homem de caráter público, que assumiu posições sobre todos os assuntos cadentes de sua época, sem papas na língua, nem nos artigos e cartas em que defendia suas posições. Se tudo isso conta ponto na importância de Lobato ao longo dos trinta anos de sua vida intelectual, cria também um problema sério para o autor e conseqüentemente para os leitores corre-se o risco de dizer demais de uma coisa só, ou de dizer de menos um pouco de cada coisa. (LAJOLO, 1961, p. 07).

Os autores dos trabalhos já arrolados em torno da obra de Lobato costumam dizer que o escritor seria responsável por uma renovação da linguagem literária, ao utilizar termos regionais e costumes do homem interiorano em seus textos, bem como fazer uma abordagem de temáticas que denunciavam as misérias humanas e por ele próprio não se considerar um escritor moderno, pelo contrário, passou a criticar as expressões artísticas consideradas modernas no começo do século XX e os artistas modernistas nacionais, embora sua obra se enquadre tradicionalmente no Pré-Modernismo, conforme observa Infante (2001): “Sua obra literária, entretanto, foi classificada, didaticamente, no Pré-modernismo brasileiro, já que, paralelamente, ela permaneceu conservadora e fez-se revolucionária, antecipando os padrões da Literatura moderna no Brasil.” (INFANTE, 2001, p. 389).

O Pré-modernismo brasileiro é visto como um período de transição, pois trata dentro do próprio texto da transformação da personagem e isso aconteceu com o universo dos personagens de Lobato, que adquiriram uma conscientização e deixaram de ser monológicos, passando a ser dialógicos, havendo agora uma identificação com o homem do mundo de hoje. “A forma monológica de percepção de conhecimento e da verdade surge quando “a consciência é colocada acima do ser e a unidade do ser se converte em unidade da consciência” (Bakhtin 1995).

Ainda com base em Infante (2001), podemos dizer que o mecanismo narrativo de Lobato são calçados na polifonia no discurso, onde as vozes dos personagens refletem a busca por uma identidade, e por ideais humanos.

O primeiro conto da coletânea *Negrinha*, que também recebe esse nome, é uma narrativa que está intimamente ligada às mudanças sociais, culturais, históricas e antropológicas do homem, e aponta para a modernidade das manifestações literárias.

Trata-se de um escrito do Pré-Modernismo, representando uma época de passagem com influência do regime, unindo às mudanças sociais, culturais e históricas do homem e apontando para uma era de manifestações literárias modernas.

Ainda tomando o pensamento de Infante(2001), podemos dizer que Lobato segue a efervescência industrial que os novos tempos traziam ao Brasil em especial a São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, e essa revolução exigia um acompanhamento social e, assim sendo, a arte deveria acompanhar o ritmo, e ao que se vê essa era a proposta pré-modernista.

Infante(2001) afirma que essa era a percepção de Lobato: a estagnação conteudística e ideológica das letras brasileiras. As formas artísticas deixaram de ser autênticas e originais e se transformaram em série, deixando de lado os conceitos fundamentais de criatividade, transcendência, forma, conteúdo.

Apesar de Lobato não participar diretamente do Modernismo, ele jamais perdeu o contato com os modernistas, seja correspondendo-se, animosa e amigavelmente, com eles, seja publicando suas obras ou até mesmo atuando como crítico ferrenho do movimento modernista.

É possível considerar que pode ter havido em um determinado momento uma lacuna separando Lobato dos modernistas, mas é notória a presença de técnicas modernistas na obra de Lobato. É interessante registrar que as transformações literárias geralmente são engendradas por pressupostos teóricos que servirão de plataforma às produções do momento.

Lobato, ao teorizar, delineou ideias que depuseram contra o momento, Lajolo (1999), o caracteriza como intelectual desconectado de seu tempo. Para completar, o conjunto de sua produção literária não atende às exigências estéticas do momento por ser traçado nos moldes tradicionais e ignorar as experiências vanguardistas.

Lobato provou-se um modernista através de seus textos. O nacionalismo, a preocupação com uma definição da cultura brasileira, o desenvolvimento do seu pensamento editorial e o capricho a uma sociedade consumista de cultura estrangeira de massa o aproximou intelectualmente de um movimento que era, antes de tudo, favorável à dialética o que seria a antropofagia proposta senão a dialética.

Ainda de acordo com Lajolo (1999), podemos dizer que alguns equívocos vieram por afastá-lo do movimento Modernista. Graças a esses equívocos, jamais saberemos o que poderia propor Monteiro Lobato aliado a um movimento com a força do Modernismo brasileiro. Entretanto, também graças a esses equívocos, temos hoje a prova da capacidade crítica e intelectual de um dos autores mais genuinamente brasileiros da nossa literatura.

## **2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA**

Segundo Boris Fausto (2007) só a partir do século XIX o negro ganha uma representatividade mais significativa na Literatura nacional, embora já se notasse desde o século XVII a presença do negro permeando alguns escritos. Mesmo que essa apresentação fosse de forma ainda tímida e por muitas vezes se apresentasse desprezível e caricata.

A exemplo da apresentação feita na obra de Gregório de Matos verifica-se uma representação satírica do negro, na medida em que se observa que a este é atribuído à ideia de “vergonha da Bahia”. Esse estilo grotesco o acompanhou até o advento da literatura abolicionista, momento em que se vislumbra certa humanização do negro, aspecto que é exemplificado através da escrava Isaura, do livro do mesmo nome, escrito por Bernardo Guimarães, (1872).

Nesta linha de pensamento literário podemos observar o abolicionista mais famoso: Castro Alves, célebre por seus poemas engajados, entre os quais, “Vozes d’ África” e “Navio Negreiro”. Fundou em 1869 a Sociedade Libertadora Sete de Setembro na Bahia. Atuante, conseguiu alforria para 500 escravos e difundiu a luta em prol dos ideais de liberdade em um jornal chamado *Abolicionista*. Morreu aos 24 anos, em 1871, sem ver a Lei Áurea ser assinada.

Castro Alves não foge à tônica do seu tempo, mas, apesar do seu empenho consciente e do seu entusiasmo, o poeta não consegue livrar-se, nos seus textos,



das marcas profundas de uma formação desenvolvida no bojo de uma cultura escravista.

O que move a indignação desses autores, é, sobretudo, o sofrimento do negro, que ele vê como ser humano, e mais a necessidade de a nação livrar-se da mancha da escravidão.

Ainda segundo Fausto (2007), ao exemplificar com *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, de 1881, em que a nobreza aceita a submissão apesar do contexto abolicionista: “enquanto *A escrava Isaura* empunhava a bandeira dos abolicionistas, o segundo (*O mulato*) denuncia o preconceito sofrido pela raça”. Observando a fala de Isaura podemos notar o posicionamento e a proximidade remota da senhora e da escrava.

Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. [...]

– Mas senhora, apesar de tudo isso que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– Queixas-te de tua sorte, Isaura?

– Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, *sei conhecer o meu lugar*. (FAUSTO, 2007, p. 45).

Muito material abolicionista relevante permeia o universo literário, alimentando a escrita, a teledramaturgia e o cinema, mas nenhum escrito é tão importante sobre essa etnia como a assinatura da Lei Áurea, Clausula Pétrea e um dos mais largos passos em busca de uma de um Brasil livre das amarras de um regime escravocrata.

A Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel em maio de 1888 marcou o fim da escravidão, sendo o Brasil o último país independente a findar este sistema. Um dos problemas em torno da abolição é que ela foi apresentada pelo estado monárquico como um presente, e não como conquista e resultado de lutas travadas por atores fundamentais: é preciso destacar o envolvimento decisivo dos escravizados nesta luta. A Lei Áurea marca um contexto político de pressões para o fim da escravidão e, após quase quatro séculos após o seu descobrimento, o Brasil passou a ser um país sem escravos, fruto da luta política e social. (FAUSTO, 2007, p. 60).

A herança dominante do branco para com o dominado faz com que os autores mesmo querendo humanizar o negro acabem por sobrepor uma raça sobre a outra. Fausto (2007) declara que nesse abismo racial caíram grandes mestres, inclusive o próprio Lobato, autor do conto que analisaremos mais adiante, além do maior expoente de nossa literatura: Machado de Assis, onde no conto “Pai contra Mãe”, mostra a fragilidade da raça no contexto final da escravidão no Brasil:

[...] Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado... Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas... O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. (ASSIS, apud FAUSTO, 2007, p. 07).

O conto "*Pai contra mãe*", de Machado de Assis, como acontece em grande parte de sua obra, está envolvido com os conflitos sociais de sua época. No conto, o narrador machadiano expõe os aspectos desumanos do desenvolvimento social do Brasil, que, na busca do melhor para os poderosos, mata um ser humano para dar lugar a outro, e retrata o comportamento do homem, Cândido e Arminda, nos conflitos com uma sociedade que legitima a violência como algo mantedor da "ordem".

Na literatura brasileira, o brado de revolta contra a escravidão abre espaços para a problemática do negro escravo, num momento histórico em que o negro era como assinala Antonio Candido (2000), "a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda histórica" (p.37). Trata-se, inegavelmente, de um notável feito para a época.

Esse tipo de representação do negro se verifica na obra de Monteiro Lobato: em “Negrinha”, temos a vivência de uma menina negra, órfã, que passa por vários maus tratos, evidenciando, assim, a condição de degradação. Lembremos que a menina que protagoniza o conto não é nomeada e quando tem uma única alegria, a de ter uma boneca, que nem era sua, morre de depressão quando perde o brinquedo. Ou seja, na sociedade em que vive a menina parece não haver lugar para o negro, daí a sua morte, que simbolicamente ilustra a falta de espaço na sociedade para o negro.

Quer seja escrita por um negro ou até mesmo por um branco, a Literatura sobre o negro desse período quase sempre vem com esse caráter social, mostrando

na grande maioria dos relatos literários a realidade desumana em que viviam ou que ainda vivem as pessoas de cor.

No entanto, pode-se dizer que a arte desses autores acentua e denota através de seus escritos a sua luta e os seus anseios por liberdade e por igualdade, coisas que sempre lhe fora negada ao povo negro.

Lobato também evidencia essa questão com o abismo social existente entre as raças, assim como a humanização que ele denota com a proximidade da criança negra com a branca e a oportunidade de igualdade mesmo que por um curto período de tempo, quando esta divide o tempo, o espaço e os brinquedos: as cores se misturam se humanizam, se entrelaçam na mesma velocidade com que se separam com a partida das meninas.

Quem é, tia? — perguntou uma das meninas, curiosa. — Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora. — Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.(LOBATO ,2000 p 10)

Negrinha deixa se envolver por uma realidade oposta a que lhe fora ofertada durante os poucos dias de visita de uma felicidade que permanecera apenas por instantes inesquecíveis e se depara com a nova velha realidade de sofrimentos, flagelos e humilhações.

Esse abismo descrito por Lobato fora e é um terreno fértil para a Literatura, ainda que grosso modo o escritor não levantasse uma bandeira abolicionista; pelo menos evidencia a apatia da sociedade brasileira da época e que podemos vivenciar, além de demonstrar que ainda existe um longo caminho a se percorrer para uma igualdade étnica.

### **3 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CONTO DE LOBATO: Leitura de “Negrinha”**

O conto “Negrinha” é uma narrativa escrita em terceira pessoa, que traz em seu enredo uma carga emocional forte e um apelo humanizante agudíssimo, sendo considerado, pela crítica, como o conto mais emocionante e comovente de Monteiro Lobato.

A narrativa da triste história de uma menina desprovida de família, órfã e negra de sete anos, nascida em um período pós Leis que favoreciam a raça, leis como: Lei do sexagenário, A do ventre livre e por fim a Lei que aboliu a escravidão no Brasil. Vejamos o que diz a Lei do ventre livre, no seu artigo 1º.

Art. 1.º - Os filhos de mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei serão considerados de condição livre.

§ 1.º - Os ditos filhos menores ficarão em poder o sob a autoridade dos senhores de suas mães, os quais terão a obrigação de criá-los e tratá-los até a idade de oito anos completos.

Apesar de seu nascimento ter acontecido em uma senzala, filha da escrava da casa e por assim atender os requisitos da Lei, e como sua mãe havia morrido, a menina fora Criada pela patroa de sua mãe, uma senhora viúva e sem filhos, gorda, branca, rica e escravocrata, que tinha como prazer principal a de torturar a pobre criança órfã.

Porém, o conto situa-se em um período com um tempo bem próximo a liberdade outorgada aos negros pela Princesa regente do Brasil, em que ainda as chagas da escravidão jaziam abertas e sangravam, era nesse contexto que a personagem central vivia.

Nesse ambiente hostil Negrinha cresceu descarnada, acanhada e com olhos atentos e assustados; o medo era uma constante na psique da menina, acostumada a serem espancada, xingada e humilhada por aquela velha senhora, fatos narrados por Lobato de forma incisiva e que pode promover a discussão sobre o posicionamento Lobatiano com relação à inserção do negro em uma cultura embranquecida e tirana:

Se por um lado, o texto aponta o racismo presente na sociedade da época, dessa se forma pode se configurar como denúncia por outro, reforça por meio de seu tom lírico o desrespeito com a figura do negro que pelo viés da literatura, certamente fará o deleite da burguesia daquele período. (LAJOLO, 1999, p 96).

Tais assertivas se verificam em algumas passagens do conto como, por exemplo, no momento em que Negrinha rouba um pedaço de carne e D. Inácia, sua algoz, coloca um ovo fervendo na boca da menina. E depois volta contente para seu descanso. “Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.” (LOBATO 2000 p. 09).

Dona Inácia, apesar de ser admirada pela sociedade da época, religiosa, caritativa, mas que, se apresenta no conto como a algoz, a principal antagonista e força perturbadora da pequena negrinha; talvez por não ter sido mãe, a figura incômoda daquela pequena a inquietasse tanto: “Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia”. (LOBATO 2000 p. 08).

Dona Inácia personifica o regime dominante desumano e opressor que mesmo com o fim da escravidão continuava oprimindo, massacrando e hostilizando; se não tinha mais os troncos e os chicotes, o canto da casa, os beliscões e pontapés faziam esse papel: “levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão...” (p. 08).

Podemos observar que a tristeza que acompanhava a Negrinha se acentuava pelo fato de sua patroa não gostar de criança, era frustrada no seu direito de criança, vivia pelos cantos e era oprimida não somente por dona Inácia, pois apanhava de todos da casa, pressupondo que até mesmo os de sua raça a abordavam como um bichinho teimoso.

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta. (LOBATO, 2000, p.09).

A dor descrita no conto se intensifica e tem o seu ápice quando a senhora resolve castigá-la de forma cruel, como nunca haverá feito antes, quando a mesma cozinha um ovo e obriga a menina a colocar inteirinho em sua própria boca, castigando-a por uma brincadeira de uma de suas criadas.

[...] Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:  
— Venha cá!  
Negrinha aproximou-se.  
— Abra a boca!  
Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! Na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só [...] (LOBATO, 2000, p.09).

Essa intensificação se dá porque durante os sete anos de vida da menina tinham vivido a duras penas, porém, a pobre órfã estava prestes a ser surpreendida por um mês de alegrias intensas e que seria o êxtase emocional da personagem.

A passagem centrada em um tom lírico se fundamenta quando da chegada das sobrinhas de D. Inácia: lindas, louras, ricas, nascidas e criadas em berço de ouro. Eram anjos felizes, pulando e rindo. Negrinha, pensando que seu sofrimento havia chegado ao fim com a visita dos “anjos”, levantou e foi se juntar a eles.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. (LOBATO, 2000, p.10).

Em um momento mais intenso de humanização e igualdade racial, as meninas vivenciaram uma metamorfose: a negrinha, que durante toda sua vida se comportara como um bichinho enfeitado, agora se vê como gente e as meninas loiras, que no conto se comportaram como elemento humanizador, como assim descreve o narrador: “Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma”.

Negrinha, coisa humana percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Vibrava-se! (LOBATO, 2000, p.11).

Pode-se dizer que esse seria o ápice da narrativa, o narrador se dar conta da condição humana da criança, até então tratada feito qualquer coisa: ela “sentia”, “vibrava”, como todas as pessoas em geral.

A própria criança desperta para o significado da vida e logo em seguida passa a tomar consciência da sua condição de inexistência enquanto pessoa, ser humano, com direito, inclusive, a sentir alegria, brincar, já que se tratava de uma criança.

O conto “Negrinha”, embora pertença a outro tempo histórico e cultural, dialoga com a sociedade da qual estamos inseridos, de acordo com ideias e convicções que perpassam toda a obra. Vejamos uma cena da personagem que demonstra o quanto a discriminação e a desigualdade social eram marcas presentes daquela sociedade, mas mesmo escrita em um passado distante se faz tão presente nos dias atuais. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão:

[...] Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam [...] O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. (LOBATO, 2000, p. 10-11).

A questão do desrespeito à personagem é bem evidente no conto, tanto por parte de adjetivos que sempre desmotivava, como também, por atitudes mesquinhas, violentas que mostravam o quanto a pobre criança era discriminada por sua senhora.

Essa discriminação, que nos parece tão impactante, pode ser melhor compreendida se levarmos em conta o contexto no qual se insere a obra, pois no final do século XIX era comum que os escravos libertos vivessem com seus antigos senhores, realizando serviços domésticos, convivendo com sua família e em casos específicos, fazerem até parte delas, sem ter direito a um salário digno, uma cultura letrada.

No caso de Negrinha, a pobre criança, além de não ter esse acesso, não tinha direito nem de brincar, quanto menos estudar, cujo desenlace é a sua morte por maus tratos e seu corpo recebe o mesmo destino de tantos outros negros no contexto de escravidão ,pós escravidão e que infelizmente perdura para os que vivem a margem da sociedade ,morrem e como “lixo” joga-se em uma vala comum.

O conto denota as agruras e os maus tratos sofridos não apenas na ficção, mas por toda uma geração de negros que foram extraídos à força de seus lugares de origem e escravizados pelo mundo, além de nos trazer uma reflexão sobre o hoje, como os negros são tratados na sociedade atual.

### **3.1 O conto “Negrinha” e seus principais personagens**

Negrinha é o personagem principal, pois o enredo circula ao seu redor. O conto é narrado sob a perspectiva do olhar discriminatório dos demais ante ela, que vivia de modo subumano, adotada por dona Inácia.

O nome “Negrinha”, que seria normalmente um adjetivo, é colocado como substantivo próprio no conto, mais uma forma de Lobato destacar o preconceito visceral dos demais. “Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados” (LOBATO, 2000, p.08). A

descrição da personagem é taxativa em sua maneira de narrar: “Nascera na senzala, de mãe escrava, e seu primeiro ano vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.” (Lobato, 2000, p. 08).

Na descrição de Lobato da personagem Negrinha alguns adjetivos são anexados a frágil figura humana:

Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim. (LOBATO, 2000, p. 08).

Chama a atenção ainda o adjetivo que coloca um ponto final na vida da personagem, depreciativo demais, só que desta feita não é dito por um dos personagens e sim pelo narrador: “carnezinha de terceira”.

Tal sentença depreciativa direcionada a uma (criança) negra, de fato, à primeira vista, pode gerar um impacto negativo, se considerarmos um provável subentendido no discurso do narrador de sua real concepção sobre os negros. Coisa humana e carnezinha de terceira representariam o cúmulo de um pensamento racista, que, inapropriadamente, pois há de se fazer a diferença entre narrador e autor, conforme Lajolo (1999) observa:

Sendo assim, fica evidente a incoerência da hipótese de que tais sentenças depreciativas exprimem um olhar discriminatório do ficcionista via voz do narrador. Obviamente, elas revelam o olhar de todo um comportamento social de uma parcela da sociedade da época que se recusava a compreender e aceitar que a essência humana é uma só. Na verdade, Negrinha, “Trata-se, portanto, de um conto que põe por terra a ideia de um Monteiro Lobato racista. Aqui, ao contrário, ele denuncia de forma categórica um regime desumano que continuava na mentalidade e nos hábitos do senhorio décadas após a abolição. (LAJOLO, 1999, p. 15).

A antagonista, Dona Inácia, a mulher que adotou Negrinha, é descrita como uma solteirona que se tornara viúva sem ter filhos. Para a sociedade, mulher de caráter ilibado, digna, possuidora de riquezas e assídua frequentadora e colaboradora da igreja.

A linguagem irônica do narrador vai nos revelando a verdadeira identidade da velha senhora, utiliza-se do fato de ter adotado uma menina para se gabar, sendo que, na verdade, trata a menina adotada como um verdadeiro animal. Com a morte



de Negrinha, ao término do conto, ela lamenta de saudade: “Como era boa para dar um cocre”. (LOBATO, 2000, p. 11).

Essa diferença social existente no universo de Inácia para o de Negrinha é concentrada com a chegada das meninas louras, assim chamadas pelo narrador para aumentar ainda mais o abismo social alimentado por uma raça dominante, no caso os descendentes de europeus que aqui habitavam e habitam.

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. “... Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”? (LOBATO, 2000, p. 11).

Outro personagem que merece destaque é a pequena boneca de porcelana, que não por acaso fala o idioma Francês: (LOBATO, 2000, p. 10). “Nunca imaginara coisa assim tão galante... Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia.” A fala da boneca não é a toa. Lobato usa esse afrancesamento para evidenciar a cultura literária dominante, até então o Brasil ainda estava preso à cultura europeia.

Essa personagem de uma fala só encanta e transforma a vida da Negrinha. Esse momento de felicidade mesmo que por um curtíssimo período de tempo mostra para a personagem principal que ela podia ser gente e para própria Inácia que ela podia apiedar-se daquela pobre criatura.

Negrinha olhou para os lados, resabiada, como coração aos pinotes. Que ventura santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se. (LOBATO, 2000, p. 10-11).

O fato é que Dona Inácia não demonstra se apiedar da menina, continua castigando-a, limitando-a ao canto da porta, em um recanto da cozinha, lugar que fora reservados aos arrebatados da África, aos nascidos nas senzalas, os negros, os

mulatos e que foram segregados em regime desumano e arbitrário que infelizmente compõe o bojo histórico e social de uma pátria.

### **3.2 A representação do negro na narrativa: o simbolismo de “Negrinha”**

A simbologia dos personagens do conto em análise expõe os bastidores da sociedade patriarcal, o racismo e o preconceito que baliza a atitude das classes dominantes do início do século XX. Ao mesmo tempo em que coloca em evidência a farsa moralidade social, em que Lobato sadicamente traz à tona a tragédia da Negrinha espelhando-a um sentimento de compaixão.

No entanto, podemos dizer que a narrativa expõe também uma aguda censura à mentalidade escravocrata brasileira, nascida pela necessidade de expandir a produção e a exploração dos recursos naturais, espelhando a exploração de humanos que durante anos a fio foram massacrados pela desumanidade do branco rico e escravocrata.

Em 1920 Lobato, escritor emblemático, polêmico e nacionalista, escreve esse pequeno conto. Talvez para o contexto histórico social da época soasse como mais uma crítica à sociedade, assim como a velha e gorda senhora, filantrópica, já costumava usar a “camuflagem” da bondade para com o negro, embora já tivesse se passado mais de três décadas depois da abolição.

Quem sabe se o escritor não tenha tido a intenção de usar este pequeno conto, parte de uma obra que carrega o mesmo nome, como um divisor de águas na sua escrita, ou suas pretensões não sobrevinha da disponibilidade de debater a condição do negro pós-abolição e, naquele contexto, se a abolição tinha sido benéfica ou não. Fato relatado na triste condição em que vivia a pobre criança.

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças (LOBATO, 2000, p. 10).

Contudo, mesmo que o autor procurasse argumentos e justificativas coerentes para tamanha segregação a que eram submetidas à pequena órfã, não apagariam as penosas punições oferecidas a raça negra, aqui representada pela Negrinha órfã.

A escravidão chegou ao fim, o ex-escravo tornou-se igual perante a lei, mas isso não lhe deu garantias de que ele seria aceito na sociedade, por isso os recém-libertos passaram dias difíceis mesmo com o fim do regime de servidão.

Sem acesso a terra e sem qualquer tipo de ressarcimento por tanto tempo de trabalhos forçados, geralmente, analfabetos, vítimas de todo tipo de preconceito, muitos ex-escravos permaneceram nas fazendas em que trabalhavam, vendendo seu trabalho em troca da sobrevivência.

Aos negros que migraram para as cidades, só restaram os subempregos, a economia informal e o artesanato. Com isso, aumentou de modo significativo o número de ambulantes, empregadas domésticas, quitandeiras sem qualquer tipo de assistência e garantia; muitas ex-escravas eram tratadas como prostitutas.

Os negros que não moravam nas ruas passaram a morar, quando muito, em míseros cortiços. O preconceito e a discriminação e a ideia permanente de que o negro só servia para trabalhos duros, ou seja, serviços pesados, feridas profundas abertas antes da abolição, úlceras que sangravam pós-abolição lepra que se arrasta até os dias atuais.

Retrato da Negrinha, fotografia feita por Lobato e por tantos outros autores que traz ao povo brasileiro a triste recordação de seu grande pecado, e como um filme que é reprisado dia após dia, reprisando a triste vida de Negrinha .

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita do conto lobatiano, enfocando sobre tudo a personagem Negrinha: a priori quando a mesma se portava como animalzinho assustado, que vive sob os maus tratos físicos e psicológicos de Dona Inácia, que, por qualquer razão, a maltratava recorrendo aos tempos senhoria escravocrata.

A chegada das meninas brancas trazendo consigo a sua boneca faz, a Negrinha se aperceber conscientemente de que é uma criança como outra qualquer, mas vivera até então como “coisa” um lixo qualquer, ou uma “peste bubônica”, forma depreciativa que era chamada pela sua tutora, humilhações e achacos, que com a partida das crianças brancas voltariam a se repetir.

É justamente pela consciência de sua condição de vida, que Negrinha não suporta mais viver como antes, sua morte se tornara inevitável e a única saída plausível já que não conseguira retornar ao seu estado e sua condição de vida sub-humana.

A análise empreendida em torno das duas personagens centrais da narrativa evidencia que Negrinha simboliza parte de uma situação que vai ser complementada pela ação dos demais personagens, principalmente Dona Inácia.

A dimensão simbólica adquirida pela a personagem Negrinha, mesmo sendo considerada é considerada como coisa humana, e isso generaliza todo sofrimento de sua raça na conjuntura da pós-abolição, isto é, incorpora a sorte de todos os negros que sofreram a mesma vida de maus tratos pelos seus antigos senhores e pela própria sociedade.

Negrinha não é nome é apenas um termo chula, um pejorativo acompanhado de vários apelidos correspondentes, tais como: “pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo (...), p. 22.

Dona Inácia, adversária que provoca um conflito existencial com Negrinha, tem sua caracterização feita a partir de recursos irônicos que fluem na narrativa através do narrador em terceira pessoa: “Excelente senhora, a patroa”. (LOBATO, 2000, p. 09).

A simbologia incorporada por Dona Inacia denota o típico comportamento de uma ex-senhora de escravos, representação genuína ao período pós-abolição, que,

por sua vez, se caracteriza por assinalar vestígios de preconceitos raciais nas relações entre os homens, em sociedade, que perduram até nossos dias.

Logo, podemos concluir que prevalece no conto o discurso do branco dominante, empregado para causar rebaixamento, para maldizer, apelidar depreciativamente, ou seja, para caracterizar o negro dominado como um ser destituído de qualidades positivas, apenas negativas.

Por outro lado, o subalterno é impedido de utilizar as mesmas estratégias para subverter sua posição hierarquicamente inferior. Portanto, o sujeito tenta tornar o outro um ser mudo, sem voz, um subalterno. É isso que ocorre no conto analisado. Negrinha é impedida de falar em qualquer circunstância, principalmente se for para reclamar dos maus-tratos.

E no momento em Negrinha conseguiu deixar de se ver como uma coisa e enfim se enxergou como um sujeito.

Ela decide que não vai, não quer, não suporta mais viver como um objeto. Ao tomar consciência da sua subjetividade, Negrinha perde a vontade de viver, pois sabe que dentro do meio em que vive não conseguirá construir sua identidade, assumir sua posição na sociedade e revidar as atitudes e os pressupostos colonialistas. A única estratégia que encontra para se libertar das opressões é a morte.

A análise do conto revelou, por outro lado, a posição do narrador em face do drama vivido pela personagem Negrinha. O narrador utilizou-se da ironia para desmascarar a sociedade hipócrita da época, que pretendia aparentar ser fundamentada na religião, na cristandade, porém, nas suas características, nas suas atitudes, demonstrava cultivar valores totalmente colonizadores, dominadores, desumanos e preconceituosos em relação ao outro.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: TELLES, G. M., op.cit., p. 328. RIBEIRO, Darcy (2003). **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso. pp. 435.
- ASSIS, Machado de. Instinto de Nacionalidade, Pai contra mãe. In: GLEDSON, John (org.) **50 contos de Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ASSIS, M. de. Pai contra mãe. In: BOSI, A.. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982, p. 200 - 205.
- BAKHTIN, M./(VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. Maringá, PR: Eduem, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes** (1º vol.). São Paulo: Globo, 2008.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- INFANTE, Ulisses. O Pré-Modernismo. In: \_\_\_\_\_. **Curso de Literatura de Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2001. p. 380-406.
- LOBATO, Monteiro. Negrinha. In: **Negrinha**. São Paulo: Globo, 2008. p. 18-26. Disponível em: Acesso 17/07/2018.
- LAJOLO, Marisa. **Negros e Negras em Monteiro Lobato**. 2°. ed. Belo Horizonte: Autentica, 1999.
- LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.
- LEI Nº 2040 de 28.09.1871 - LEI DO VENTRE LIVRE. **Lei do Ventre Livre**. disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM2040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM2040.htm). Acesso em: 10/05/2019.